

COLEÇÃO
UNIVERSITAS

- 1 *A Representação do Espaço em Saramago – Da negatividade à utopia*
Horácio Ruivo | 2017
- 2 *Literatura & Sociedade na pluralidade lusófona*
Organização: Annabela Rita, Dirlenvalder Loyolla,
Fabio Mario da Silva e Cátia Canêdo | 2018
- 3 *No Fundo dos Espelhos – A Visita*
Annabela Rita | 2018
- 4 *Antero de Quental: um patriotismo prospectivo no porvir de Portugal*
Brasilino Godinho | 2018
- 5 *Perfis & Molduras no cânone literário*
Annabela Rita | 2019
- 6 *A Minha Outra Pátria é a Latina*
Fernando Cristóvão | 2019
- 7 *Sfumato. Figurações in hoc signo – Na senda da identidade nacional*
Annabela Rita | 2019
- 8 *Estudos Luso-Italianos – Literatura e Cultura*
Luísa Antunes Paolinelli | 2020

COLEÇÃO
UNIVERSITAS

Qual o objetivo primordial deste livro, que, na editora Edições Esgotadas, inaugura a Subcoleção "Figurações Literárias"? Ajudar os leitores a irem ao encontro das oportunidades que a Literatura lhes oferece. São essas oportunidades que, quando propiciadas pela leitura do texto literário (suportando-se esta em firme terreno metaliterário), ajudam a perceber a *figuração*, a *prefiguração*, a *(re)configuração* do leitor num contínuo acrescentamento de sentidos. Procuraram-no diversamente os professores e investigadores que colaboraram neste livro, percorrendo criticamente GRACILIANO RAMOS, MACHADO DE ASSIS, CAMILO CASTELO BRANCO, ZÉLIA GATTAI, a GERAÇÃO DE ORPHEU, HERBERTO HELDER, MADALENA DE CASTRO CAMPOS, CLÁUDIA LUCAS CHÉU, JULIÁN FUKS, NATÁLIA CORREIA, MIGUEL TORGA, EÇA DE QUEIRÓS e MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO. Que os presentes contributos e colaborações motivem linhas de trabalho e de leitura, mas, sobretudo, que conduzam os leitores aos polifónicos momentos de abertura com que a Literatura a todos nos desafia, de acordo com o preceito de Jorge Luis Borges, quando repetidamente defendia que somos ricos "mais em perplexidades do que em certezas" e que a Literatura nos deve ajudar a fornecer "algumas certezas".

Dionísio Vila Maior (Org.)



EDIÇÕES ESGOTADAS



U

COLEÇÃO
UNIVERSITAS

Org.
DIONÍSIO VILA MAIOR

FIGURAÇÕES DO LITERÁRIO I ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS

BENJAMIN ABDALA JÚNIOR (da Universidade de São Paulo [Brasil]); GUIA BONI (Università degli Studi di Napoli "L'Orientale" [Itália]); MARIA APARECIDA FONTES (Università degli Studi di Padova [Itália]); BARBARA GORI (Università degli Studi di Padova [Itália]); LILIAN JACOTO (Universidade de São Paulo [Brasil]); LUÍS MAFFEI (Universidade Federal Fluminense / Pesquisador do CNPq [Brasil]); FABIOLA PADILHA (Universidade Federal do Espírito Santo [Brasil]); MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA (Università degli Studi di Napoli "L'Orientale" [Itália]); ISABEL PONCE DE LEÃO (Universidade Fernando Pessoa [Portugal]); ANNABELA RITA (Universidade de Lisboa/CLEPUL [Portugal]); DIONÍSIO VILA MAIOR (Universidade Aberta/CLEPUL [Portugal]); em tempos perversos e impledosos, mas de reconstrução da esperança, onze professores e investigadores universitários portugueses, brasileiros e italianos consolidam leituras do texto literário, procurando orientá-las com rigorosa atitude crítica e colocando de lado equacionamentos de recorte idealista, impressionista e psicologista. É essa atitude crítica que, sem a insolência do monologismo crítico a que uma dausura exclusivamente estrutural também poderia conduzir, este livro e esta subcoleção ("Figurações do Literário") pretendem cimentar.

EDIÇÕES ESGOTADAS

Org.
DIONÍSIO VILA MAIOR

FIGURAÇÕES DO LITERÁRIO I

ESTUDOS

LUSO-BRASILEIROS

BENJAMIN ABDALA JÚNIOR (da Universidade de São Paulo [Brasil]); **GUIA BONI** (Università degli Studi di Napoli "L'Orientale" [Itália]); **MARIA A PARECIDA FONTES** (Università degli Studi di Padova [Itália]); **BARBARA GORI** (Università degli Studi di Padova [Itália]); **LILIAN JACOTO** (Universidade de São Paulo [Brasil]); **LUÍS MAFFEI** (Universidade Federal Fluminense/ Pesquisador do CNPq [Brasil]); **FABIOLA PADILHA** (Universidade Federal do Espírito Santo [Brasil]); **MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA** (Università degli Studi di Napoli "L'Orientale" [Itália]); **ISABEL PONCE DE LEÃO** (Universidade Fernando Pessoa [Portugal]); **ANNABELA RITA** (Universidade de Lisboa/CLEPUL [Portugal]); **DIONÍSIO VILA MAIOR** (Universidade Aberta/CLEPUL [Portugal]); em tempos perversos e impiedosos, mas de reconstrução da esperança, onze professores e investigadores universitários portugueses, brasileiros e italianos consolidam leituras do texto literário, procurando orientá-las com rigorosa atitude crítica e colocando de lado equacionamentos de recorte idealista, impressionista e psicologista. É essa atitude crítica que, sem a insolvência do monologismo crítico a que uma clausura exclusivamente estrutural também poderia conduzir, este livro e esta subcoleção ("Figurações do Literário") pretendem cimentar.

1.ª edição | março, 2020

 **EDIÇÕES ESGOTADAS**

Lisboa | Porto | Viseu | Aveiro

© 2020

Direitos reservados para Edições Esgotadas, Lda.
e CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias

www.edicoesesgotadas.com
geral@edicoesesgotadas.com

Título: Figurações do Literário I – Estudos Luso-Brasileiros
Organização: © Dionísio Vila Maior
Arte da capa: © Vilas

Coleção: Universitas | n.º 9
Direção: Dionísio Vila Maior e Annabela Rita

Revisão de Texto: Ana Maria Oliveira | Edições Esgotadas, Lda.

ISBN: 978-989-9015-10-4

Orcid: 0000-0001-9611-7390

Depósito Legal: 469011/20

Impressão e Acabamento: Tipografia Beira Alta, Lda.

Execução Gráfica: Edições Esgotadas, Lda.



Org.
DIONÍSIO VILA MAIOR

FIGURAÇÕES DO LITERÁRIO I
ESTUDOS
LUSO-BRASILEIROS

ÍNDICE

COLABORADORES	7
PREFÁCIO	15
DIONÍSIO VILA MAIOR	
GRACILIANO, LEITOR DE MACHADO	19
BENJAMIN ABDALA JÚNIOR	
"TRANSFIGURAÇÕES" DO LITERÁRIO: CAMILO INTÉRPRETE DA HISTÓRIE DE GABRIEL MALAGRIDA	33
GUIA M. BONI	
"NEM DEUS, NEM PÁTRIA, NEM PATRÃO": FIGURAÇÕES DA CIDADE NOS RELATOS SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL	49
MARIA APARECIDA FONTES	
DEFINIR FIGURAÇÕES INDEFINÍVEIS: O SIMBOLISMO DO AZUL E DO LÉXICO CROMÁTICO NAS OBRAS POÉTICAS DE ORPHEU	85
BARBARA GORI	
HERBERTO HELDER: A POESIA COMO FORÇA INTEMPESTIVA	101
LILIAN JACOTO	
LÍNGUA ESTRANGEIRA NA BOCA SEM LÍNGUA: EM CORPO A CORPO, MADALENA DE CASTRO CAMPOS E CLÁUDIA LUCAS CHÉU	115
LUIS MAFFEI	
IDENTIDADE, MEMÓRIA E EXÍLIO EM A RESISTÊNCIA, DE JULIÁN FUKS	131
FABIOLA PADILHA	
QUANDO A ARTE TEATRAL SE TRANSFORMA EM VIDA	145
MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA	
PARATEXTOS TORGUJANOS: O RIGOR PERSUASIVO	163
ISABEL PONCE DE LEÃO	
FIÇÕES QUEIROSIANAS	173
ANNABELA RITA	
MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO: O LOCUS SUBJETIVO, A PROFICIÊNCIA ALTERNOMÍMICA E A PRESENÇA DO IMPERECÍVEL	199
DIONÍSIO VILA MAIOR	

COLABORADORES

BENJAMIN ABDALA JÚNIOR

Professor titular da FFLCH da Universidade de São Paulo. Pesquisador 1A do CNPq, foi coordenador da área de Letras e Linguística da CAPES; ex-representante das áreas de Humanas no Conselho Técnico-Científico dessa agência do MEC. Ex-presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada, foi por duas gestões representante dessa área do conhecimento no CNPq. Membro do Conselho Editorial de várias revistas científicas, foi diretor ou coordenador de coleções editoriais, entre elas, a “Princípios e Fundamentos” (Editora Ática), “Literatura Comentada” (Editora Abril), “Ponto Futuro” e “Livre Pensar” (Editora SENAC-SP). Suas pesquisas, desde o Mestrado, na Universidade de São Paulo, situam-se no campo da Literatura Comparada, atuando no âmbito das literaturas de língua portuguesa. Foi um dos introdutores dos estudos das Literaturas Africanas no país. Ex-vice-diretor da Comissão de Cooperação Internacional e chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, é o primeiro presidente da AFROLIC – Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos. Publicou cerca de quarenta títulos de livros (livros de autoria individual, organização de coletâneas críticas e antologias), entre eles *A escrita neo-realista* (1981); *História social da literatura portuguesa* (1984); *Tempos da Literatura Brasileira* (1985); *Literatura, história e política* (1989); *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural* (2002); *De vãos e ilhas: literatura e comunitarismos* (2003); *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas*, Portugal (2007); *Literatura comparada e relações comunitárias, hoje* (2012). Entre as coletâneas que organizou ou co-organizou, podem ser mencionadas *Ecos do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas* (2000); *Personae: grandes personagens da literatura brasileira* (2001); *Incertas relações: Brasil e Portugal no século XX* (2003); *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas* (2004); *Portos flutuantes: transitos ibero-afro-americanos* (2004); *Moderno de nascença: figuras críticas do Brasil* (2006); *Estudos comparados: teoria, crítica e metodologia* (2014); e *Literatura e memória política* (2014), *Um mundo coberto de jovens* (2016), *Graciliano Ramos: muros sociais e aberturas artísticas* (2017).

GUIA M. BONI

Ensina Língua e tradução portuguesa na Universidade de Nápoles “L’Orientale”. Tradutora de obras portuguesas (Garrett, Fernando Pessoa, Dinis Machado, António Osório) e brasileiras (Machado de Assis, Clarice Lispector, Moacyr Scliar), antigas (o Fidalgo de Chaves, Fernão Mendes Pinto) e modernas. Dedicou vários ensaios aos poetas que traduzem os poetas (Ungaretti tradutor de Vinícius de Moraes; Jorge de Sena tradutor de Giovanni Pascoli, Ada Negri, Elena Bono, Rimbaud; Bocage tradutor de Torquato Tasso) e à tradução de prosas realizada por escritores (Ferreira de Castro traduzido por Blaise Cendrars) e não (Francisco de Herrera Maldonado e Vincenzo Formaleoni tradutores de Fernão Mendes Pinto e as traduções italiana e francesa de *Gabriela cravo e canela de Jorge Amado*).

MARIA APARECIDA FONTES

Professora pesquisadora do Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari (DISLL), da Università Degli Studi di Padova. Pós-Doutorado em Studi Linguistici Culturali Comparati pela Università Cà Foscari, Veneza. Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em co-tutela com a Università degli Studi di Roma “La Sapienza”. Mestrado em Letras também pela UFRJ. Graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Na Itália, foi professora na Università di Verona e na Università di Bologna. Na América Latina, foi professora na Universidad Católica de Chile, onde ministrou cursos de Literatura Brasileira no Mestrado e Doutorado. Em 2011, voltou à Universidade chilena como professora visitante, com bolsa do governo chileno/Conicity. No Brasil, foi professora na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É Membro da “Associazione italiana di studi portoghesi e brasiliani” (AISPEB) e de vários grupos de Pesquisa no Brasil, registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Coordenadora do Grupo de Pesquisa GR 19 do Centro Internacional e Interdisciplinar de Estudos Épico, da Universidade Federal de Sergipe. Diretora da Coleção LusóAfro Brasileira (LABRA), Editora Aracne, de Roma, e *Advisory Board* de diversas Revistas Científicas na área de Letras. Desenvolve pesquisa em Literatura Brasileira e Portuguesa, com ênfase nos seguintes temas:

Vanguardas, Poesia Experimental, Estudos de Gênero, Textualidades híbridas, Imigração, Mito, Memória e Identidade Nacional, relações entre Artes e Literatura. Publicou recentemente os livros *A beleza é voz de Estado. Futurismo: Mito, arte, política e poética na construção da identidade nacional* (2015) e *Lei. Studio sulle scrittrici brasiliane contemporanee* (2018) além de artigos em diversos periódicos da área.

BARBARA GORI

Barbara Gori é Professora Associada no Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari (DISLL) da Universidade de Pádua (Itália), onde leciona Literatura Portuguesa e Brasileira. Tem a seu cargo ensaios e livros sobre literatura portuguesa, em particular sobre o Modernismo e a figura de Mário de Sá-Carneiro, do qual traduziu para o italiano, pela primeira vez, toda a obra em prosa (*Tutta la prosa. Principio. La confessione di Lúcia. Cielo in fuoco e altri scritti*, Padova: CLUEB, 2013) e de Ângelo de Lima, do qual traduziu toda a produção poética conhecida (*Poesie*, Perugia: Urogallo, 2015) e outros ensaios sobre a mesma época literária e sobre a Geração de '70 e a figura do poeta e filósofo Antero de Quental. Deste, estudou e analisou a poética e o estilo e traduziu a maior parte dos sonetos (*Antero de Quental e le memorie di una coscienza – poetica e stile dei Sonetos Completos*. Genova: Liberodiscrivere, 2009). Em 2015, publicou uma monografia de crítica e tradução das obras poéticas presentes nos dois números da revista “Orpheu” (*Una letteratura da manicomio. “Orpheu nelle riviste e nei giornali portoghesi del 1915*, Perugia: Urogallo, 2015). Recentemente, publicou um estudo crítico sobre a produção em prosa de Mário de Sá-Carneiro (*Mário de Sá-Carneiro e l'impossibilità di rinunciare*, Milano: Mimesis, 2019).

LILLIAN JACOTO

Graduação (1988), Mestrado (1996) e Doutorado (2002) em Letras pela Universidade de São Paulo, onde leciona, desde 1998, nos níveis de Graduação e Pós, na área de Literatura Portuguesa. Pós-Doutorado em Estudos Românicos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2016) – bolsista FAPESP – sobre a literatura de Gonçalo M. Tavares.

Pesquisa voltada para a Literatura Portuguesa moderna e contemporânea e suas relações com a Ética. Coordenadora do Laboratório de Estudos de Literatura e Ética na Modernidade (LEPEM), na Universidade de São Paulo. Colaboradora do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa) e líder do grupo de pesquisa NELLPE (Núcleo de Estudos de Literaturas de Língua Portuguesa e Ética), através do qual desenvolve e orienta projetos de investigação em torno de autores que rasuram o conceito de autoria, como Fernando Pessoa, Herberto Helder e Gonçalo M. Távares.

LUIS MAFFEI

É professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e Bolsista de Produtividade do CNPq. Foi, entre 2015 e 2018, Pesquisador Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). É autor dos livros de poemas *A* (Oficina Raquel, 2006), *Telefunken* (OR, 2008 – edição portuguesa, Deriva, 2009), *38 círculos* (OR, 2010), *Pulsatilla* (OR, 2011), *Signos de Camões* (2013, Portugal, Companhia das Ilhas, e Brasil, OR), *40* (OR, 2015), *Vista de Olimpia* (7Letras, coleção Megamini, 2016) e *Via* (2019, Lisboa, Coisas de Ler). Pelo conjunto da obra, foi um dos contemplados com o prêmio Icatu de Artes – Literatura, em 2013. No ensaio, escreveu os volumes *Do mundo de Herberto Helder* (Oficina Raquel, 2017), *Despejo quieto – ensaios sobre poesia portuguesa* (Editora da UFR, 2015), *Manuel de Freitas por Luis Maffei*, da coleção Ciranda da Poesia (Ed. da UFRJ, 2014) e, com Pedro Eiras, *A vida repercutida – uma leitura da poesia de Gastão Cruz* (Esfera do Caos, 2012), editado em Portugal – é também autor do prefácio à poesia reunida de Gastão Cruz, *Os poemas* (Assírio & Alvim, 2009). Organizou, com Raquel Menezes, edição dos *Poemas eróticos* de Maria Teresa Horta (Oficina Raquel, 2018). No ensaio, organizou, com Lilian Jacoto, *Soldado aos laços das constelações – Herberto Helder* (Lumme, 2011); com Ida Alves, *Poetas que interessam mais – leituras da poesia portuguesa pós-Pessoa* (Azougue, 2011), e, com Jorge Fernandes da Silveira, *Poesia 61 Hoje* (OR, 2011). Como contista, escreveu *Cantos da Colina – 11 ídolos do Vasco e sua imensa torcida bem feliz* (OR, 2012), em parceria com Nei Lopes e Maurício Murad, e organizou, participando também com um conto, *Extratextos 1 – Clarice Lispector, personagens reescritos* (OR, 2012), com Mayara R. Guimarães.

FABÍOLA PADILHA

Possui graduação em Letras e em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo, onde também fez Mestrado em Letras: Estudos Literários. Fez Doutorado em Letras: Estudos Literários na Universidade Federal de Minas Gerais e Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo. É professora de Teoria da Literatura e de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Espírito Santo, onde ministra aulas na graduação e na pós-graduação. Atualmente, desenvolve pesquisa em Literatura Brasileira Contemporânea, com ênfase nas relações entre Literatura e História, dedicando-se, em especial, ao estudo de obras literárias cujas narrativas envolvem eventos históricos traumáticos, tais como a ditadura civil-militar brasileira e o Holocausto. Publicou os livros *A cidade tomada e a ficção em dobras na obra de Rubem Fonseca e Expedições, ficções: sob o signo da melancolia*, pela Editora Flor&Cultura, além de artigos em diversos periódicos da área.

MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA

Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Lisboa. Doutorada pela Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”. Atualmente, é colaboradora linguística na mesma Universidade, onde leciona a Língua Portuguesa. Ocupa-se principalmente de Língua e Literatura Portuguesas, de Literatura Africana de Expressão Portuguesa e de Filosofia Antiga. Tem a seu cargo artigos sobre Literatura portuguesa, artigos sobre Literatura e Língua Cabo-Verdianas, sobre autores africanos de Língua Portuguesa. Traduz livros e ensaios filosóficos sobretudo de Filosofia Antiga, e alguma poesia. O seu último livro é um estudo sobre Natália Correia. É sócia da AIL, da AISPI, da AI-P e da ASAI. É membro da Comissão Científica da Coleção LABRA, pela casa editorial Aracne (Itália).

ISABEL PONCE DE LEÃO

Professora Catedrática da Universidade Fernando Pessoa no Porto. Membro integrado do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL – Universidade de Lisboa), sendo coordenadora do Polo do Porto. Membro da direção da Cooperativa Árvore e da Academia Lusófona Luís de Camões. Como docente e investigadora, tem colaborado com outras instituições de ensino superior, em Portugal, Brasil, e vários países europeus e africanos. Faz parte do conselho editorial e / ou científico de diversas revistas, jornais e outras publicações, e integra comissões científicas de colóquios, congressos e outros eventos, alguns dos quais promove, bem como júris de prémios literários aos níveis nacional e internacional. Ao momento, por convite nominal, é responsável pela área da Literatura do *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*, da Academia das Ciências de Lisboa, que se encontra em preparação. A sua atividade estende-se à comunidade civil, cooperando com diversas Câmaras Municipais, particularmente com a do Porto, onde é Deputada Municipal e Presidente da Comissão de Toponímia. As áreas de investigação privilegiadas são o Jornalismo Cultural e a Literatura Portuguesa Contemporânea, bem como as relações que esta estabelece com as outras Artes e as Ciências. Nas suas publicações, inscrevem-se cerca de 30 livros e mais de 250 artigos resultantes da investigação científica nas áreas acima referidas. Dedicou-se ainda à crítica de arte, colaborando com artistas plásticos.

ANNABELA RITA

Doutorada, com Agregação e dois pós-doutoramentos em Literatura, é Professora e Diretora de Licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Presidente/Academia Lusófona Luís de Camões|Instituto Fernando Pessoa | Assembleia Geral da CompAres, Coordenadora/ CLEPUL, Directora/ Associação Portuguesa de Escritores | Observatório da Língua Portuguesa | Sociedade Histórica da Independência de Portugal, etc.. Com mais de uma dezena de distinções nacionais e internacionais. Obras principais: *Eça de Queirós Cronista* (1998; 2017); *Labirinto Sensível* (2003-04); *No Fundo dos Espelhos* (2 vols, 2003-2007);

reed. rev 1018); *Emergências Estéticas* (2006); *Itinerário* (2009); *Cartografias Literárias* (2010; 2012); *Paisagem & Figuras* (2011); *Focais Literárias* (2012); *Luz e Sombras no Cânone Literário* (2014); *Do que não existe. Repensando o Cânone Literário* (2018); *Novas Breves & Longas no País das Maravilhas* (2018); *Perfs & Molduras no Cânone Literário* (2018); *Sfumato. Figurações in hoc signo. Na senda da identidade nacional* (2019).

DIONÍSIO VILA MAIOR

Professor com Agregação na Universidade Aberta (Portugal). *Visiting-Professor* na Università degli Studi di Padova e na Universidade Marie Curie Skłodowska. Prémio “Attività di Internazionalizzazione della Didattica 2016-2017” (Università degli Studi di Padova). Coordenador de linhas de Investigação no Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), da Universidade de Lisboa. Professor Convidado na Université Paris-Sorbonne (Paris 4), Université Sorbonne Nouvelle (Paris 3), Universidade de São Paulo, Universidade de Santa Catarina, Universidade de Santiago de Compostela, Universidade Complutense de Madrid, Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”, Università degli Studi di Bari Aldo Moro, entre outras. Coordenador da Comissão Interinstitucional do Instituto Fernando Pessoa. Coordenador da Comissão Interinstitucional da Academia Lusófona Luís de Camões. Alguma produção: *Sob o Signo de Calíope – Sentidos Modernistas*, Roma, Aracne (2018). *100 Futurismo* (Coord. em colab.), Ix, Ed. Esgotadas (2018). *A revivência dos sentidos. Estudos de Literatura Portuguesa* [reed.], Linda-a-Velha, Editora Hespéria (2017). *100 Orpheu* (Coord. em colab.), Ix, Ed. Esgotadas (2016). *O Sujeito Modernista – Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e António Ferro: Crise e Superação do Sujeito*, Ix, Univ Aberta (2003). *Literatura em Discurso(s): Saramago, Pessoa, Cinema e Identidade*, Coimbra, Pé de Página Ed. (2ª ed.) (2001). *Fernando Pessoa: Heteronímia e Dialogismo*, Coimbra, Almedina (1994). *Introdução ao Modernismo*, Coimbra, Almedina (1994; 1996). Maestro do Coro Mozart.

PREFÁCIO

O ensino da Literatura Portuguesa (e, no fundo, de qualquer Literatura) obriga a uma forte orientação demarcada, na sua base, por um conjunto de considerações de ordem teórica, metodológica e epistemológica — considerações estas a que uma mais alargada visão histórico-literária, cultural e artística, uma consistente metalinguagem teórico-literária e uma fundamentada utilização de instrumentos operatórios não se podem naturalmente furtar. Com estas palavras, seria errado retirar a ligação que considerasse o ensino da Literatura como um conjunto obrigatório de linhas unidireccionais. Pelo contrário, o objetivo maior neste livro é outro: ajudar os leitores a irem ao encontro das oportunidades que a Literatura lhes oferece, no sentido conferido por Borges. São essas oportunidades que, quando propiciadas pela leitura do texto literário (suportando-se, portanto, esta em firme terreno metaliterário), ajudam a perceber a figuração, a *prefiguração*, a (re)configuração do leitor num contínuo acrescentamento de sentidos. Lembremo-nos do que, em *Presenças Reais*, diz George Steiner a propósito do texto poético: aí ensina que, quando «deparamos com o acto do poeta [...], quando esse acto entra nos recintos, espaciais e temporais, mentais e físicos, do nosso ser, traz consigo um apelo radical de mudança»; e acrescenta: «O despertar, o enriquecimento, a complexidade, o obscurecimento, a alteração da sensibilidade e da compreensão que se seguem à nossa experiência são prenúncios de acção»¹.

Ora, é nesse *acrescentamento* do leitor, é nesse *acrescentamento* dos sentimentos do leitor, das suas disposições de alma, dos seus afetos, que residirá, (também) em parte, o prazer pela leitura do texto literário. Trata-se de um prazer que decorre, acima de tudo, do contacto com uma *outra consciência*, sem descurar o respeito pela entidade múltipla que é o texto literário; trata-se de um prazer que poderá significar, em primeira e última instâncias, a configuração polifónica dos sentidos desse texto, sem nunca esquecer o mais importante, quando se pratica a crítica literária: precisamente, esse mesmo texto literário.

¹ STEINER, George (1993). *Presenças Reais. As Artes do Sentido*. Lisboa: Editorial Presença, p.132.

Por outro lado, de igual modo não pretendemos conduzir o nosso raciocínio à ilação segundo a qual a *leitura* do texto literário não possa assentar numa ampla plataforma epistemológica — que pode acarretar, não o negamos, extraordinária fecundidade e virtualidades significativas consideráveis. Não se pode negar o seguinte: quando se trata de ler, avaliar, aquilatar, sistematizar, o texto literário, é proficiente, é verdade, uma (cometida) interrelação de pressupostos metodológicos originários de matrizes epistemológicas diversas — sempre, contudo, com vista a uma unificação de perpectivas: sempre, contudo, com o olhar sobre o texto literário, assente numa rigorosa atitude crítica, colocando de lado equacionamentos de recorte idealista, impressionista e psicologista (quando, note-se, considerados sem objetividade e sem rigor crítico). É essa atitude crítica que, sem a insolvência do monologismo crítico a que uma clausura exclusivamente estrutural também poderia conduzir, este livro e esta subcoleção (“Figurações do Literário”) pretendem cimentar.

O presente livro, *Figurações do Literário I*, contou com a colaboração de diversos professores e investigadores universitários portugueses, brasileiros e italianos, que trabalham e investigam em reconhecidas Universidades, Centros de Investigação, Programas de Estudo, Grupos internacionais: Universidade Aberta, Universidade de Lisboa, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal Fluminense, Universidade Fernando Pessoa, Università degli Studi di Napoli “Orientale” e Università degli Studi di Padova; Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias (CLEFUL) (da UL), Departamento de Humanidades (da UAb), Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (da USP), Laboratório de Estudos de Literatura e Ética na Modernidade (LEPEM) (da USP), Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana (da UFF) e Programa de Pós-Graduação em Letras (da UFES). Este grupo de professores e investigadores procura, assim, dar consistência aos objetivos acima referidos: Benjamin Abdala Júnior analisa perspetivas do realismo crítico, enfatizando como **Graciliano Ramos** constrói as suas narrativas e problematizando um repertório já visível em **Machado de Assis**; Guia Boni estuda a vitalidade de **Camilo Castelo Branco** enquanto tradutor, realçando o quanto ele procura garantir, nessa sua atividade, o prazer da leitura; Maria Aparecida Fontes estuda as figurações do espaço da cidade como eixo semântico dos relatos sobre a imigração italiana no Brasil, em particular os de **Zélia Gattai**; Barbara Gori centra-se na **Geração**

de *Orpheu*, levando a cabo uma leitura crítica sobre o, variável, recurso literário ao “azul” e, de uma forma mais geral, ao léxico cromático; Lillian Jacoto centraliza o seu estudo na poesia de **Herberto Helder** e, de um modo geral, na figuração suspensiva e reedificadora daquele poeta; Luis Maffei focaliza o seu trabalho nas poetas **Madalena de Castro Campos** e **Cláudia Lucas Chéu**, enfatizando a sua crítica ao contemporâneo, tomando, para isso, o corpo como lugar veemente de questionamento e metamorfose; Fabíola Padilha centraliza o seu estudo no romance *A Resistência*, de **Julian Fuks**, procurando ler o modo como as indagações sobre a identidade se entrelaçam com as questões acerca da memória e do exílio; Maria Graça Gomes de Pina estuda **Natalia Correia**, direcionando a sua visão crítica para a peça *O Encoberto*, e procurando refletir sobre a escolha de D. Sebastião como forma de “Desejar absurdamente o impossível”; Isabel Ponce de Leão, alicercando-se na noção de “paratexto”, de Genette, incide sobre o aparato paratextual de alguma produção de **Miguel Torga**, nomeadamente *Bichos*, *O Senhor Ventura*, *Paraíso*, *Fogo Preso* e *Antologia Poética*; Annabela Rita estuda **Eça de Queirós**, procurando, por um lado, demonstrar de que modo a definição do programa da Geração de 70 promoveu uma orientação genológica da crónica na escrita de Eça de Queirós e, por outro, refletir sobre os reflexos da retórica dessa cronística na ficção queirosiana; Dionísio Vila Maior propõe-se refletir essencialmente sobre a problemática da subjetividade em **Mário de Sá-Carneiro**, no âmbito da sua produção literária e epistolográfica, subjetividade essa considerada enquanto realidade textual que convive *dialógicamente* com a estética simbolista e decadente, paulíca, sensacionista, interseccionista e futurista — procurando ter sempre em conta a conformidade à informação, objetiva, de critérios que resumam da leitura, literária, da relação entre vida e obra, e a sistematização de matrizes operatórias que leiam, com a necessária objetividade crítica, aquele modernista.

Que os presentes contributos e colaborações motivem linhas de trabalho e de leitura, mas, sobretudo, que conduzam os leitores a, como acima escrevemos, irem ao encontro dos momentos de abertura que a Literatura a todos nos oferece, de acordo com o preceito de Jorge Luis Borges, quando repetidamente defendia que somos ricos “mais em perplexidades do que em certezas” e que a Literatura nos deve ajudar a fornecer “algumas certezas”.

Coimbra, março 2020

Dionísio Vila Maior

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO:
O LOCUS SUBJETIVO, A PROFICIÊNCIA
ALTERONÍMICA E A PRESENÇA DO IMPERECÍVEL

DIONÍSIO VILA MAIOR

(UNIVERSIDADE ABERTA / CLEPUL [UNIVERSIDADE DE LISBOA])

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Sá-Carneiro; *Ismos*; Subjetividade; Representação Literária; Alteridade

RESUMO: No presente trabalho, propomo-nos refletir essencialmente sobre a problemática da subjetividade em Mário de Sá-Carneiro, no âmbito da sua produção literária e epistolográfica, tendo em consideração este equacionamento conforme à informação coerente e objetiva de critérios que resumam da consideração crítica, literária, da relação entre vida e obra. Nesse sentido, procuraremos simonizar com esta linha diretriz uma outra atitude: a fundamentação de matrizes operatórias – nunca esquecendo o diapasão sério e objetivo da crítica literária – que particularizem e leiam o desassossego de um sujeito, Mário de Sá-Carneiro, enquanto realidade *literária* e enquanto realidade *não literária*, consciente, apesar de tudo, da fronteira entre as duas realidades. Para além disso, importará ter em conta a possibilidade de se relacionar a subjetividade desse sujeito – enquanto realidade textual *representada* – com a estética simbolista e decadente, paulica, sensacionista, interseccionista e futurista, sem que a esta problemática não sejam, entretanto, alheios na produção literária de Mário de Sá-Carneiro: o relevo decorrente da presença de um *eu* que, num contexto sociocultural marcado por um desencanto geral, “berna ao Ideal”; os contornos estéticos que dependem fundamentalmente da relação que com Mário de Sá-Carneiro mantém a sensação de desassossego; a representação, estético-literária, do fracasso e do derrotismo. No entanto, no final, é precisamente esse Mário de Sá-Carneiro quem acaba por “triumfal”, a partir do momento em que o equacionarmos como alguém que (recorrendo à metáfora pessoana) acabou por “agir sobre a humanidade”, a partir do momento, portanto, em que entendermos a sua produção literária como sendo a produção “de alguém, mas também a ele estranha”.

*Não morrem jovens todos a que os Deuses amam, senão entendendo-se
por morte o acdbamento do que constitui a vida*
(PESSOA, F., 1986b: 1276-1277)

1. Quaisquer que sejam os matizes teóricos e teóricos tidos em conta (que justificam e suportam a razão do presente texto), é incontornável considerar, em Mário de Sá-Carneiro, a relação do sujeito, “emissor/autor” com a sua escrita, não esquecendo a importância que, a este nível, possuem as cartas que escreveu a Pessoa.

É conhecida, de facto, a relação entre a sua vida e a sua produção literária¹. E, por esse prisma, com alguma contiguidade (sem considerar a imprudência a que a interpretação leviana e imponderada dessa consideração poderia conduzir) se entende, por vezes, tanto as dualidades temáticas que percorrem a sua obra – ascensão/queda; interior/exterior; alma/corpo; multiplicidade/unidade; vida/morte; ideal/real –, como outros eixos temático-ideológicos presentes (mais ou menos visivelmente) ao longo da sua produção: a amizade, o sonho, o mistério e o fantástico, o ato de escrever, a relação eu/outros, a dispersão, a superioridade da vivência do artista *versus* a banalidade da vivência quotidiana, etc. Incompreendido, sentindo profundamente o conflito interior entre o desejo de *uma* totalidade e o sofrimento causado por esse desejo, encontramos, por diversas vezes, vinculações à estética simbolista e decadente, patética, sensacionista, intersecionista e futurista – mostrando, entretanto, ser a sua produção um “mosaico bem representativo do encontro e da fusão de movimentos literários e pictóricos, de músicas e manifestos, de filosofias e momentos históricos” (GORI, B., 2018: 322)².

Pela via decadente e simbolista – evidenciada, por exemplo, nas novelas de *Princípio* (1912) e nos poemas de *Dispersão* (1914) –, encontramos a preferência pelo bizarro, pela degenerescência, pelo mistério, pela ligação

1 Por curiosidade, lembremo-nos, por exemplo, da (direta, ou indireta) identificação, em cartas escritas a Pessoa, de Sá-Carneiro com personagens das suas narrativas, como é o caso de Estanislau Belcowsky (personagem de uma obra ficcional que pretendia intitular *Novela Romântica*), do protagonista da novela *Resurreição*, Inácio de Gouveia, e de uma personagem da *Confissão de Lúcio*, Ricardo de Loureiro.

2 Sobre a relação da escrita (sobretudo poética) de Mário de Sá-Carneiro com as correntes (sobretudo pictóricas) do seu tempo, leia-se GORI, B., 2018.

entre perversão e gênio, o gosto pelo rago, pela fluidez e pelo sonho, o culto da beleza enquanto Ideal, a ânsia de Além, a concepção do poeta enquanto ser exilado da multidão, a utilização das sinestesias, etc., etc.³

Algumas destas particularidades farão parte, aliás, de uma outra faceta sua, a faceta paulíca (percebida n' *A Confissão de Lúcio* [impressa em 1913, mas editada em 1914], nas novelas de *Céu em Fogo* [1915] e em alguns poemas de *Indícios de Oiro* [antologia publicada postumamente em 1937]).

Geralmente apontado como um dos percursores do Surrealismo em Portugal (*A Confissão de Lúcio* e a novela *A estranha morte do Professor Antena* são exemplos repetidamente referidos), o seu discurso evidencia ainda as facetas sensacionista, intersecionista e futurista.

E se o peso das sensações assume uma enorme importância em alguns textos narrativos de *Princípio* e de *Céu em Fogo*, ela manifesta-se inequivocamente n' *A Confissão de Lúcio*, particularmente na passagem onde o narrador relata a *soirée* organizada por uma mulher americana, para quem Lúcio Vaz, Ricardo Loureiro e Gervásio Vila Nova tinham sido convidados. Depois de serem recebidos pela americana (em cuja túnica "*Todas as cores enlouquecem*"), passam depois para uma sala, já visitada, mas entretanto modificada para a realização de um espetáculo. Particularmente atento ao cenário que o envolve, o narrador fixa-se na iluminação e nas sensações físicas, "*sexualizadas*", por aquela sinestesticamente provocadas – precedendo (e evidenciando o que de peculiar se conforma como sensacionista) uma outra passagem plena de erotismo, sensualidade e voluptuosidade (SÁ-CARNEIRO, M., s/d [c]:38-40).

Indissociável da mencionada vertente sensacionista, encontra-se ainda a exploração do erotismo e da sensualidade em cenas não raras vezes marcadas pela excessividade (cenas de amor, assassinios por amor), raiando mesmo a loucura (também esta um eixo temático nuclear da narrativa de Sá-Carneiro) – visível n' *A Confissão de Lúcio* e em narrativas como *O Homem dos Sonhos*, *Ressurreição* e, sobretudo, n' *A Grande Sombra* e n' *O Fixador de Instantes*. N' *O Fixador de Instantes*, o narrador relata uma relação sua com uma mulher eslava, que muito amava; para petrificar, para eternizar os instantes com ela, mata-a, atingindo, segundo ele, a glória e o triunfo. Da mesma forma, em *A Grande Sombra*, o narrador

3 Veja-se PEREIRA, J. C. s., 1990, *passim*; MARTINS, F. C., 1990a; SANTOS, G. C., 1994; ROCHA, C., 1995: 39 ss.

relata a sua passagem por um baile de Carnaval em Nice, no Casino, onde se deixa abandonar pelo ambiente. Entretanto, deixa-se seduzir por uma desconhecida, “mulher esplêndida”, que se apresenta como “a Princesa velada” – cujo punhal perturba e, ao mesmo tempo, atrai o narrador. A desconhecida leva-o até um quarto de hotel, iluminado por uma estranha luz. Ai fazem amor, sem que ela, contudo, tire a máscara, permanecendo assim o mistério que, no fundo, acaba por garantir ao narrador um momento de amor ainda mais intenso. Como que hipnotizado pelo punhal, e com a possibilidade de que o mistério se desvendasse (se ela tirasse a máscara após o ato de amor), assassina-a com esse mesmo punhal (SÁ-CARNEIRO, M., 1993: 76-77).

É, afinal, através do que esta atitude do narrador engloba que se revela uma dominante que acaba por presidir a esta narrativa e que aqui se aproxima muito de contornos psicológicos atestados impressivamente por uma relação muito estreita com o estado da loucura, estado esse que fora já abordado esteticamente em 1910, num novela intitulada significativamente *Loucura* (publicada em 1912). Nela, o narrador esclarece o suicídio do escultor Raul Vilas, seu amigo. Depois de Raul se casar com Marcela, mulher que considera esplêndida, os esposos vivem uma imensa felicidade, vivendo momentos de êxtase amoroso e sexual. Mais tarde, Marcela tem conhecimento de uma relação do marido com uma modelo, Luísa Vaz, mas perdoa-lhe. Raul, por sua vez, diz a Marcela que a ama e que, um dia, lhe dará a maior prova de amor – prova essa que, confessará ao narrador, nunca encontrara, pelo que se sente triste e melancólico. Preocupado com a sua velhice e com a passagem do tempo, descobre um dia a dita prova. Algum tempo depois, Raul declara de novo o seu grande amor por Marcela, mas pela sua alma, não pelo seu corpo, dizendo-lhe então que a desfiguraria com vitríolo e que, mesmo assim, continuaria a amá-la; seria essa a sua maior prova de amor: tenta atirar-lhe com o vitríolo à cara e ao corpo, mas esta consegue fugir. Louco, não compreendendo a esposa, acaba por criticar-lhe essa atitude e qualifica-la de devassa. Raul bebe então o vitríolo e morre. Ora, esta atitude, que o narrador pede para não ser julgada como tendo sido tomada por um assassino, antes por um louco, pode ser perspectivada numa determinada ótica que atesta, em último grau, o gosto de Sá-Carneiro pelo desenvolvimento literário de uma lógica narrativa concretizada pela exploração estética das dualidades amor/morte e amor/loucura – dualidades essas variavelmente presentes

também no texto poético (*O amor, O castigo da cortesã, Duas existências e Amor ou morte*) e no texto narrativo (*João Jacinto, Lathisiau Ventura, Amor vencido, Recordar é viver, O incesto e A Confissão de Lúcio*).

É evidente que a adoção deste ponto de vista, apesar das (eventualmente) fortes impressões causadas no leitor, não se relaciona com a vertente futurista de Mário de Sá-Carneiro, vertente essa que não pode deixar de ser confrontada, no âmbito dos recursos estético-literários e técnico-discursivos, com as atitudes de vanguarda do nosso primeiro Modernismo, e, em última instância, com a crise de um sujeito que se dissolve no próprio discurso. Como se sabe, o discurso vanguardista, que, em Portugal, atinge o seu ápice em 1917, com a revista *Portugal Futurista*, nega os convencionalismos tradicionais, as matrizes dominantes de representação estético-cultural, os processos miméticos e realistas, e a significação da expressão lexicalizada. Por outro lado, esse mesmo discurso compreende ainda a apologia da libertação e autonomização da arte, do transgressivo, procurando, com isso, a superação do tempo em que se vive e a projeção para o futuro. Nesse sentido, os procedimentos discursivos que ilustram essas opções acabam por plasmar a necessidade de transmitir o sentido de mudança e dinamismo transformador que ideologicamente informa as atitudes de vanguarda⁴. De um ponto de vista exclusivamente sintático-semântico, verifica-se no texto futurista a desarticulação da linguagem lógica, a inovação e a subversão das linguagens estéticas, a subversão das regras da gramática, a utilização de figuras de retórica arrojadas, a subversão do significante (através de justaposições, aglutinações, neologismos, colagens, anagramas...) e a utilização de processos de índole experimental. E, no que diz respeito a este último aspeto, assume um papel central a poesia caligramática *Mannucure*, de Mário de Sá-Carneiro. Composto em Maio de 1915 e publicado no n.º 2 da revista *Orpheu*, o poema *Mannucure* denota o conhecimento por parte de Mário de Sá-Carneiro da lição do Futurismo de Marinetti, assim como algumas influências da *Ode Triunfal* e da *Ode Marítima*, de Álvaro de Campos⁵. Embora não chegue, contudo, a transmitir o gesto radical dos

4 Leia-se POLL, D., 2018.

5 Fernando Cabral Martins considera *Mannucure* um poema verdadeiramente “futurista sem adesão ao Futurismo [...]”, chegando mesmo a classificá-lo como “o texto português mais próximo do cânone do Futurismo”, “se exceuarmos *K4 O Quadrado Azul, Salimbanco* e o *Manifesto Anti-Dantas*” de Almada Negreiros (MARTINS, F. C., 1997: 280 e 279, respetivamente).

futuristas, o sujeito poético procura fundir-se com o presente; para isso, identifica-se com o “Ar” para conseguir apreender a sua Beleza, uma “Beleza-sem-Suporte”. Entusiasmado pelos signos que representam a vida moderna, o sujeito moderno procura vê-los com os seus olhos “futuristas”, “cubistas” e “interseccionistas”, cantando as “estações” e os “cais de embarque, / Os grandes caixotes acumulados, / As malas, os fardos – pele-mêlé... [...]”; e, logo a seguir, exclama, desejando cada vez mais a união com esses signos da modernidade: “Ó beleza futurista das mercadorias!” (SÁ-CARNEIRO, M., s/d [b]: 172). Tal como em *Apoteose*, o sujeito poético leva a cabo a apologia do progresso e da civilização moderna (dos jornais, da indústria tipográfica, dos reclames e cartazes, dos anúncios publicitários, das marcas comerciais), constituindo ambos os poemas provas indementíveis dos princípios futuristas: as “palavras em liberdade”, a desarticulação da linguagem lógica, a escrita marcada pelos signos de uma linguagem irreduzível aos códigos convencionais, a discursividade em que os limites entre real e ficção estão espatidos, em que o absurdo sobressai e em que a inovação semântica e vocabular é aplicada. E se a isso juntarmos, no final de *Mannure*, o verso “É no ar que ondeia tudo! É lá que tudo existe!...” (a lembrar os *Calligrammes* de Apollinaire), e em ambos os poemas, o recurso à montagem tipográfica (o que em parte os aproxima da técnica interseccionista), facilmente se percebe como esse processo técnico-discursivo evidencia um *discurso da descontinuidade*, pela subversão dos parâmetros percecionais de espaço que acarreta, como que remetendo assim, pela justaposição de discursos heterogêneos, para a noção de fragmentação.

2. Com o que acima se disse, notar-se-á que toda esta problemática se justifica pelo facto de, por essas coordenadas estético-literárias, se poder reflectir, de uma forma que se impõe coerente e conforme a uma visão suportada pela objetividade crítica, sobre o discurso da subjetividade sá-carneiriano. Naturalmente que o que aqui se encontra em causa é sobretudo considerar essa subjetividade à margem daquela outra com que, por vezes, se rotula alguma literatura europeia dos finais do século XIX, apontada por Frederick Karl e James McFarlane (KARL, F. R., 1988: 74-75; MCFARLANE, J., 1991: 75-77, 84-85) – ao considerarem que os começos das vanguardas europeias se situam nas décadas de 1880 e 1890. E justificam a sua posição, apoiando-se no facto de, entre outros

aspectos – sob a influência da filosofia de Nietzsche e no ataque movido ao Positivismo –, então se valorizar o inconsciente e o irracional, atitude visível no interesse crescente por manifestações relacionadas com o ocultismo⁶, o subconsciente, o automatismo, o hipnotismo e o mistério⁷.

Ora, quando aqui nos referimos ao *discurso da subjetividade* de Mário de Sá-Carneiro, temos em consideração aquela subjetividade – postulada sobretudo enquanto modalidade expressiva que se liga diretamente à “manifestação controlada” – de um sujeito que, a um nível estético-literário, se questiona fundamentalmente sobre a sua condição individual, embora também possamos nela pressentir o questionamento acerca da condição humana, em geral. Trata-se, afinal, de uma subjetividade que tem a ver com aquela “*expérience subjective*” modernista referida por Jean-Claude Barot (1994: 97), e não tanto a subjetividade referida por Bradbury e McFarlane (quando afirmam que, no Modernismo, se verifica um cruzamento entre subjetividade e racionalismo).

Para além disto, importa sublinhar que as precauções operatórias que o tratamento desta questão merece têm igualmente que ver com o facto de a presença sintomática da subjetividade na produção de Mário de Sá-Carneiro poder ser encarada enquanto peculiaridade estético-literária, suscetível de

6 Sobre a presença do “elemento oculto” na estética modernista (nomeadamente em Yeats e Pound), cf. SURRETTE, L., 1993. Na sua obra, Leon Surette estuda fenómenos relacionados com a teologia, o misticismo, a filosofia, a metafísica e a “especulação oculta” (que aponta, aliás, como uma marca dominantemente ocidental), considerando ainda a estética modernista como um território onde se manifesta, por um lado, um celidismo evidente em relação ao Cristianismo, e effloresce, por outro, uma já antiga “tradição ocultista”, que se apresenta sob a forma de crença nas “*louturnas* e crenças espirituais, visionárias, ou místicas” (*id.*: 164). Deste modo, segundo Surette, o Modernismo manterá, por esse prisma, uma relação íntima com o Romantismo (o acesso à verdade far-se-á mais pela emoção do que pelo pensamento e pela razão, sendo concedida a primazia a valores como a *revelação*, a *revolução*, e o *ocultismo*, os artistas considerando-se profetas, visionários, portadores da verdade), assegurando alguns modernistas uma relação dialógica com autores, como Blake e Shelley.

7 O mistério e o fantástico assumem, como se sabe, uma enorme importância no texto narrativo de Mário de Sá-Carneiro (presentes sobretudo n^{as} *Confissão de Lúcio* e em *Cetiv em Fogos*) – deixando-se, por um lado, perceber uma evidente relação dialógica de Sá-Carneiro com a literatura finissecular e, por outro lado, uma manifestação precursora do Surrealismo (cf. D’ARGE, C., 1989: 87; GALHOZ, M. A., 1993: 30; RODRIGUES, U. T., 1992: 18-19). Sobre o mistério e o fantástico em Mário de Sá-Carneiro, e sobre o que isso significa na sua relação com a literatura finissecular, veja-se: GALHOZ, M. A., 1963: 101-112; GALHOZ, M. A., 1993: 14, 16, 24, 26; LOPES, Ó., 1987: 530, 531; MACHADO, L., 1990; PEREIRA, J. C. S., 1990: *passim*; REIS, E. P., 1994: 122-123; RODRIGUES, U. T., 1992: 18-19.

poder ser relacionada com o discurso da modernidade. Claudie Lavyaud esclarece-nos a esse respeito. Na sua procura das raízes da modernidade, defende que, por uma determinada ótica, ela se encontra no conceito de subjetividade na sua relação com a objetividade, ao afirmar que, nesse sentido, o homem é “sujet de la connaissance, et sujet de ses actes, maître et possesseur de la nature” e que a subjetividade “est [...] le centre et le seul lieu de la pensée, elle constitue ses propres principes” (LAVAUD, C., 1994: 179)⁸.

Daí em parte se justificarem as indiscutíveis potencialidades estético-literárias inerentes à presença visível do “eu” nos textos poéticos de Mário de Sá-Carneiro, correspondendo, neste contexto, à estratégia para *referência* ao sujeito – poético, note-se. E se, de um modo geral, no grupo dos nossos modernistas, é consabidamente evidente a dominante dessa subjetividade, ela é manifesta em muitos textos de Sá-Carneiro – textos esses onde, através quer do sujeito poético, quer dos narradores ou de algumas personagens, a atenção recorrentemente votada ao palco subjetivo justifica aquilo que Maria da Graça Carpinteiro denominou de “reivindicação do subjectivo” (CARPINTEIRO, M. G., 1960: 60); neste trabalho (na sua forma inicial, apresentado como Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, já em 1957 na Faculdade de Letras de Lisboa), Graça Carpinteiro, tendo em conta *A Confissão de Lúcio e Céu em Fogo*, considera: “Durante a leitura desses dois livros vemos o mar da vida subjectiva alastrar e crescer” (*id.*: 49). Depois de ilustrar a sua afirmação, recorrendo a diversas passagens destas duas obras, completa ainda esta ideia, sublinhando a importância, em Sá-Carneiro, do mistério e do fantástico⁹ – planos estes que resultam como consequência importante da “destruição do objectivo” (através da instauração do primado

8 Note-se, por outro lado, que Claudie Lavyaud alerta para as falsas interpretações a que a subjetividade, nesta sua íntima relação com a modernidade, pode ser sujeita, apoiando-se nesse caso no pensamento de Michel Henry, que permite concluir que também a modernidade é “une maladie de la subjectivité”, na sua completa “submissão” à objetividade – por esse lado se aproximando este segundo vértice do problema, pela crítica implícita ou explícita à modernidade, da filosofia nietzschiana (LAVAUD, C., 1994: 179-181).

9 Próximo do “mistério metapsíquico” (caro à estética decadentista) que seria, aliás, referido por Oscar Lopes (1987: 530) – e que de modo indireto nos remete, como escreveu Urbano Tavares Rodrigues, em 1958, para uma *representação* adjacente a um certo “surrealismo não programático”, ao lado de um “subjectivismo desenfreado” (RODRIGUES, U. T., 1992: 18).

do mundo subjetivo)¹⁰, mas que (pelas circunstâncias em que se concretizam a articulação do sujeito com o real) se impõem a esse mundo interior. Nesse sentido, afirma que “esse subjetivo [se] radica [...] numa “misteriosa objectividade” – o exterior desloca-se sob a ação do interior; mas o mundo íntimo sente-se subordinado a qualquer coisa que o transcende e que, por seu turno, se situa exteriormente, simbolizada na *Sombra*. É o Mistério, o Desconhecido, o Oculto, um além-realidade” (*id.*: 60).

3. Justamente a vivência da subjetividade constitui uma presença constante quer na poesia, quer na ficção de Sá-Carneiro. Nesse sentido, encontram-se exemplos flagrantemente em poemas como *Escavação*, 16, *Apoteose*, *Tacturno*, *Escala*, ou em textos narrativos como *A Grande Sombra*, *Mistério* e *A Confissão de Lúcio*. Mas, agora, talvez mais importante do que indicar quais os textos onde a configuração do mundo subjetivo aparece é imputar essa presença à necessidade de o escritor Mário de Sá-Carneiro procurar transcender uma concepção monológica do *eu*, aprendendo dinamicamente o seu universo interior, na medida em que, por vezes com um elevado grau de reflexão, e consciência, se procura compreender. Repare-se na carta enviada de Paris, datada de 8 de janeiro de 1916, dirigida a Fernando Pessoa, onde confessa: “O meu estado psicológico continua a mesma caçarola rota”; e, pouco depois, acrescenta: “[...] cada vez sou mais por ser *Eu*” (SÁ-CARNEIRO, M., 1992b: 141 e 142, respetivamente). Atente-se ainda num poema de fevereiro de 1916, onde demonstra uma “megalomania virada do avesso”, como aponta Óscar Lopes (1987: 550), ou uma “cruel lucidez”, um “excesso de autocomiseração, de desencanto e de realismo sobre o que fora o seu *eu* quimérico”, como interpreta António Quadros (1989: 178): trata-se do soneto *Aqueloutro*, onde o sujeito poético – com uma entoação, note-se, à margem de uma dinâmica estética de coloração romântica¹¹ – se dirige a si mesmo com

10 Note-se, contudo, que isso não constitui motivo para que, nos textos de Sá-Carneiro, se desvaneca a presença do mundo real objetivo. Que assim é, provam-no os encadeamentos dicotômicos que percorrem variavelmente os textos de Sá-Carneiro, pela configuração que, relembra Fernando Cabral Martins (1997: 313), assumem, entre outras, as oposições interior/exterior e alma/corpo.

11 Este poema permite afeirar essa noção, ainda que o discurso poético de Sá-Carneiro, marcado que se encontra, segundo José Cardoso Bernardes, pela “tonalidade autocontemplativa” – onde o “Eu do poeta” se institui como “centro polarizador”, em redor do qual “se organizam todos os grandes temas da sua obra” –, partícipe, por esta ótica, e, “em termos de formas de conteúdo”, de uma “tradição simbolista” (BERNARDES, J. A. C., 1990: 163-164).

um posicionamento que deixa advinhar uma proficiência alteronímica, avaliando-se com um diapasão crítico cujas reverberações acabam por refletir um profundo e amargo desencanto. Assim parece confirmar-se, quando o sujeito poético se refere ao “dúbio mascarado”, ao “mentiroso / [...] que passou na vida incógnito”, ao “Rei-lua postiço”, ao “covarde rigoroso...”, ao “sem nervos nem ânsia”, ao “papa-açorda...”, ao “balofa arrotando Império astral”, à “Esfinge Gordal...” (SÁ-CARNEIRO, M., s/d [b]: 166-167).

Corresponde, de certa forma, e em termos dialógicos, este sujeito poético ao mesmo que, em 1913 e em 1914, se indagara, tentando encontrar os contornos que dotassem com a consistência possível o perfil que, enquanto sujeito estético-literário, procurava: se, em *Escavação*, o sujeito poético escreve “Numa ânsia de ter alguma cousa, / Divago por mim mesmo a procurar, / Desço-me todo”, em *16* e em *Apotese* recorre a um posicionamento peculiar, concretizado por uma imagem bastante impressiva sugerida pelos movimentos de “subir” e de “descer”: “Subo por mim acima como por uma escada de corda, / E a minha Ânsia é um trapézio escangalhado...”, escreve no primeiro (*id.*: 96); “Desci de mim”, no segundo (*id.*: 97).

De forma ainda mais visível, ocorre a consumação desta viagem interior no poema *Taciturno*: neste texto, de tonalidades simbolistas¹², o sujeito palmilha o seu “mundo interior” – “Percorro-me em salões sem janelas nem portas [...] // Há roxos fins de Império em meu renunciar” (*id.*: 101 e 102) –, deixando perceber um certo empenhamento na busca do seu centro interior – busca essa acompanhada, apesar de tudo, pela nota de desencanto (já previsível no título) que a cor roxa e a ideia de fim acarretam. Ora, este procedimento poder-se-á entender, em primeira instância, como a interrogação do sujeito a si mesmo e, em segunda instância, como a procura da reconstrução do espaço e verdade interiores (espaço aquele isolado do real, já que os seus “salões” interiores não têm “janelas, nem portas”), propondo para isso o sujeito percorrer as etapas

¹² Cf. SMÕES, J. G., s/d: 34-35. Sobre a presença da estética simbolista e decadentista na poesia de Mário de Sá-Carneiro, remetemos para LOPES, Ó., 1987: 527 ss e 538 ss; MARTINS, F. C., 1990a; MORÃO, P., 1990; PEREIRA, J. C. S., 1990: *Passim*; SEVA, J., 1990: 10-11; RODRIGUES, U. T., 1992: 10, 11, 18; SÁBEGA, E., 1990: 74, 75; GALHOZ, M. A., 1993: *Passim*; BERNARDINELLI, C., 1985: 185 ss; BOUÇAS, E., 1997; D’ALGE, 1989: 85 ss; SANTOS, G. C., 1994; SMÕES, s/d: 33-36. Para uma melhor visão da herança romântica em Sá-Carneiro (entre outros aspectos, a exacerbação do *eu* e a procura do Além [no sentido de aí encontrar a *Grande Unidade*]), cf. MOURÃO, L., 1984.

interiores, com vista ao conhecimento de si (um conhecimento, todavia, que, no conjunto dos textos de Sá-Carneiro, se pautava frequentemente pelo malogro. Trata-se, afinal, daquilo que procura transmitir em *Escala* (de 1915), nomeadamente a ideia do quanto desejava, na medida das suas possibilidades, regressar a si “profundamente / E ser o que já [...] [fora] no [...] [seu] delírio...”¹³; e, logo a seguir, exorta-se (coadunando-se com essa auto-exortação uma insatisfação com o *eu* presente), na sua procura triunfalista da Beleza, do Ideal¹⁴:

– Vá, que se abra de novo o grande lírio,
[...] Cinja-me de novo a grande esperança,
E de novo me timbre a grande Lua!
Eia! que empunhe como outrora a lança
E a espada de Astros – ilusória e nua!
[...] – Vamos! é tempo de partir a Grade!

13 No mês seguinte, em 7 de agosto de 1915, numa carta enviada a Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, assumindo uma posição onde se torna visível uma ligação mais próxima entre o sujeito empírico-existencial e o sujeito estético-literário, confessa ao amigo: “[...] afastou-se para muito longe o meu mundo interior. [...] Sou inferior – é a triste verdade – de muito longe inferior ao que já fui. Sabo-me a um vinho precioso, desalcoolidado agora, sem remédio. Estou muito pouco interessante. E não prevejo o meu regresso a mim – isso, que digo nos meus versos da *Escala* [...]” (SÁ-CARNEIRO, M., 1992b: 49). Ainda numa outra carta, datada de 3 de fevereiro de 1916, esse posicionamento é evidente: relatando a Pessoa o projeto de uma obra ficcional que pretendia intitular *Novela Romântica*, Sá-Carneiro refere a presença, ao lado de Heitor de Santa-Eulália, de uma outra personagem, Estanislau Belcowsky, “moço artista emigrado, autor de novelas psicológicas inéditas. Incompreendido por Heitor, que, dando aquele “dímheiro a rodos, para *ele* gastar”, pois sabe da sua “necessidade [...] de viver em meios luxuosos”, “tem sobretudo a noção de que mais tarde, nos tempos futuros, na era das máquinas – haverá heróis de novelas *assim*, haverá uma *arte de acordo* com a psicologia, com a individualidade de Belcowsky” (*id.*: 148). Registe-se, também, como Mário de Sá-Carneiro acaba por reconhecer não só que “Estanislau Belcowsky *sou eu*” (*ibid.*), como ainda que Estanislau Belcowsky pode ser identificado com o protagonista da novela *Resurreição*, Inácio de Gouveia, e com uma personagem d’*A Confissão de Lúcio*, Ricardo de Loureiro (aparecendo ainda, pontualmente, estes dois últimos na novela *Asas* [Inácio], e na novela *Resurreição* [Ricardo]); “Belcowsky é, puramente, um Inácio de Gouveia, um Ricardo de Loureiro... um Mário de Sá-Carneiro...” (*id.*: 149).

14 Atente-se que, em fevereiro de 1913, num poema significativamente intitulado *Partida*, ensina que o que impende sobre o “artista” deve ser a sua procura desse Ideal: “[...] A vida, a natureza, / Que são para o artista? Coisa alguma. / O que devemos é saltar na bruma, / Correr no azul à busca da beleza” (SÁ-CARNEIRO, M., s/d [b]: 52).

[...] Rufem tambores, colem-se os cartazes –
 Gire a tómbola, o carroussel comece!
 Vou de novo lançar-me na quermesse:
 – Saltimbanco, que a feira toda arrases!
 [...] Tem coragem – em mira o grande salto! (SÁ-CARNEIRO, M., s/d [b]: 116-118)

4. No que para já diz respeito à funcionalidade estética das molduras internas que configuram a vivência da subjetividade em textos de Mário de Sá-Carneiro, o que se pretende deste modo é sublinhar o relevo de que se revestem múltiplas opções estético-literárias que vinculam aquela vivência à dinâmica alteronímica (sem com isso sustentarmos uma teorização programática em Sá-Carneiro, que, nesta perspetiva, não existe). Neste sentido, poder-se-á dizer que a problemática da subjetividade será uma das linhas centrais da sua produção literária, tanto pelas múltiplas manifestações em que ela aparece literariamente representada, como por com ela se relacionar direta ou indiretamente o vasto leque de eixos estéticos dominantes sobre os quais muitos dos seus textos assentam, e que acima lembrámos.

Naturalmente que são distintos os processos através dos quais se comprova a presença do subjetivo nos textos de Sá-Carneiro. São de igual modo diferentes as manifestações de índole estético-literária no texto poético e no texto narrativo. Em *A Confissão de Lúcio*, por exemplo¹⁵, praticamente todo o capítulo II é ocupado pela relação de amizade entre o escritor Lúcio Vaz (o narrador) e o poeta Ricardo de Loureiro. À medida que se estreitam os laços de amizade entre os dois, aumentam também as confidências, as “conversas de alma”, nas quais Ricardo vai fazendo ao amigo revelações sobre a sua angústia, sobre a sua preocupação pelo facto de não se “ver” no futuro, a sinceridade (humana) que transparece nas suas próprias obras, os seus medos, a razão de ser do seu sofrimento. Durante um passeio que ambos fazem pelos Campos Elísios, diz Ricardo a Lúcio:

– A boa gente que aí vai, meu querido amigo, nunca teve destas complicações. Vive. Nem pensa... Só eu não deixo de pensar... O meu mundo interior ampliou-se – voltou-se infinito, e hora a hora se excede! É horrível. Ah! Lúcio,

15 *A Confissão de Lúcio*, recorde-se, é considerada por Cleonice Berardinelli como a “mais acabada novela de Sá-Carneiro” (BERARDINELLI, C., 1985: 195); segundo Oscar Lopes, pertence à “segunda fase” da produção literária de Sá-Carneiro, a fase “paulista” (LOPES, Ó, 1987: 527).

Lúcio! tenho medo – medo de socóbrar, de me extinguir no meu mundo interior, de desaparecer da vida, perdido nele...

E aí tem o assunto para um das suas novelas: um homem que, à força de se concentrar, desaparecesse da vida – imigrado no seu mundo interior...

Não lhe digo eu? A maldita literatura... (SÁ-CARNEIRO, M., s/d [c]: 65-66)

Dominada por um sentido estético muito acentuado onde ressoa uma “intensa subjectividade” (BERARDINELLI, C., 1985: 195), *A Confissão de Lúcio* revela de uma forma particularmente expressiva, nesta passagem, uma personagem cuja reflexão se torna responsável por uma noção que de modo imediato serviria para atestar a relevância do mundo subjetivo na ficção de Sá-Carneiro – um mundo que, nos termos utilizados por Ricardo de Loureiro, chega a revestir-se, pela intensidade com que ele o vive, de contornos desmedidos, ao “volver-se” “infinito”. E a tal ponto esses contornos se amplificam, que nele provocam alguma apreensão, legitimada pela eventualidade de poderem conduzi-lo à sua própria perda (“medo [...] de me extinguir no meu mundo interior”)¹⁶. Finalmente, quando Ricardo remata a sua confidência – “E aí tem o assunto para um das suas novelas” –, torna-se visível o peso que podem envolver as repetidas aproximações, em Sá-Carneiro, entre o mundo empírico e o plano estético-literário.

5. A este nível, torna-se importante evocar o testemunho de Cleonice Berardinelli, quando, referindo-se a esta novela, relembrou as “coincidências”

16 Neste contexto, recorde-se uma passagem muito sugestiva, e pertinente (pelas relações evidentes com a passagem acima transcrita), de uma carta de Mário de Sá-Carneiro a Pessoa, datada de 27 de julho de 1914, posterior, portanto, à publicação de *A Confissão de Lúcio* (que se verifica em finais de 1913, ainda que a primeira edição apareça com a data de 1914). Ali, em termos semelhantes aos de Ricardo, escreve Sá-Carneiro: “Esqueceu-me de lhe citar entre os títulos possíveis para o novo volume, este – talvez o melhor, se não ele próprio, o bom: *Novelas Falsas*. Diga a sua opinião. Lembro-me agora, de súbito, ao entrar para casa, que nesse volume cabe também, pode ser, o *Mundo Interior*, tratado doutra maneira: o narrador conhece um homem (o narrador aqui aparentemente “buguês”, isto é: criatura sem complicações psicológicas – talvez um “professor” de matemática ou de física), trava conhecimento no café com um homem que lhe fala só da sua alma e lhe conta como viaja no seu mundo interior. Um dia esse homem desaparece (como por exemplo desapareceu aquele meu amigo a que aludiu n’*A Grande Sombra*) e a única explicação que o meu companheiro encontra, em vista das buscas da polícia impropicias, é esta: que ele terá desaparecido no seu *mundo interior* [...]” (SÁ-CARNEIRO, M., 1992a: 182).

biográficas entre Lúcio ou Ricardo e Sá-Carneiro” (BERARDINELLI, C., 1985: 195), acrescentando, depois, que se sente que “Sá-Carneiro se identificou com o trio de sua novela e os confundiu, uns e outros, numa nebulosa unidade” (*id.*: 200); também José-Augusto França afirma que *A Confissão de Lúcio* não é um texto “de ficção”, antes “autobiográfico” (FRANÇA, J.-A., 1986: 292). E até o próprio Mário de Sá-Carneiro, na carta dirigida a Pessoa, datada de 3 de fevereiro de 1916, confessa que “Belcowsky é, puramente, um Inácio de Gouveia, um Ricardo de Loureiro... um Mário de Sá-Carneiro...” (SÁ-CARNEIRO, M., 1992b: 149). Repare-se ainda numa outra carta, de 17 de abril do mesmo ano, em que exprime a Pessoa: “[...] vivo uma das minhas personagens eu próprio, minha personagem – *com um das minhas personagens*” (*id.*: 180), ou na novela *O Incesto*, inserido quem *livro Princípio*, onde curiosamente é a personagem Luis de Monforte quem publica com êxito *Céu em Fogo*, “obra-prima singular e perturbadora”, “imortal” e “genial” (SÁ-CARNEIRO, M., s/d [a]: 261).

Entretanto, a objetividade e o rigor críticos impõem uma noção primordial: é difícil aceitar de forma irrevogável, e num sentido globalizante em relação a toda a produção de Sá-Carneiro, a noção de que esta se caracteriza pela “ausência de distinção entre a subjectividade e o mundo exterior” (BARROS, J. A. M., 1994: 128), sobretudo, repetimo-lo, se tal indistincção for aceite de forma total e definitiva. Mesmo verificando-se frequentemente em muitos textos de Sá-Carneiro uma íntima relação, e não raras vezes intersecção, entre a realidade empírica e a realidade estético-literária¹⁷, isso não autoriza que se aceite a ideia de que, nos seus textos, não existe uma diferença “entre a subjectividade e o mundo exterior”. Por um determinado prisma, poderíamos contrapor, é certo, a posição de Luis de Montalvor, segundo a qual Mário de Sá-Carneiro “opora à realidade que enjeita aquela outra a que fortemente aspira, tocada da gratuitidade dos sonhos” (MONTALVOR, L., s/d: 14). Por outro lado – sem que com isso, é preciso advertir, se pense que confundimos a realidade empírica e histórica do escritor Mário de Sá-Carneiro com o mundo ficcional, literário (e quando se confundem as fronteiras, equivocam-se os preceitos da crítica literária) –, poderíamos adotar como uma ideia

17 Poderíamos comprová-lo com passagens de outras cartas enviadas a Fernando Pessoa – datadas de 25 de março de 1913 (SÁ-CARNEIRO, M., 1992a: 93), 3 de maio de 1913 (*id.*: 109-111), 13 de julho de 1914 (*id.*: 172), 30 de agosto de 1915 (SÁ-CARNEIRO, M., 1992b: 74) e 18 de novembro de 1915 (*id.*: 120-121).

vertebral, no que concerne ao ato de produção literária de Sá-Carneiro, as palavras de Ricardo de Loureiro, em *A Confissão de Lúcio*. Referindo-se ao cunho de sinceridade da sua obra, confessa ao narrador Lúcio Vaz:

– Garanto-lhe, meu amigo, todas as ideias que lhe surjam nas minhas obras, por mais bizarras, mais impossíveis – são, pelo menos em parte, sinceras. Isto é: traduzem emoções que na realidade senti [...]. Apenas o que pode suceder é que, quando elas nascem, já venham literalizadas... (SÁ-CARNEIRO, M., s/d [c]: 52-53).

Mais: conquanto Sá-Carneiro defenda que “Vida e arte, no artista [se] confundem [...] [se] indistinguem [...]” (SÁ-CARNEIRO, M., 1992a: 71), e ainda que lamente, no poema *Partida*, “A tristeza de nunca sermos dois...” (SÁ-CARNEIRO, M., s/d [b]: 54), não deixa, porém, de sugerir a sua excecionalidade em relação à vida banal dos que a vivem “simplesmente, diariamente” (SÁ-CARNEIRO, M., 1992a: 71) – pois, segundo ele, o que importa para um artista é “Correr no azul à busca da beleza”, “subir além dos céus”, “Viajar outros sentidos, outras vidas” (SÁ-CARNEIRO, M., s/d [b]: 72). Para além disso, note-se como Sá-Carneiro tem absoluta consciência do processo de criação literária: na novela *O Incesto*, num momento em que o narrador heterodiegético, que tece reflexões sobre os suicidas, se intersecciona, no próprio texto, com o autor, é-nos apresentada a seguinte passagem:

Rogo que não vejam nisto o pessimismo oco e banal da mocidade literária. Embora de um escritor, estas palavras por acaso são sinceras: tenho 22 anos, e não creio em coisa alguma; olho em volta de mim e não vejo nada que me atraia, nada que me encante, nada para que viva.
[...] Os meus amigos podem estar perfeitamente descansados. Apesar de tudo, continuarei vivendo; [...] não deixarei de frequentar os teatros; [...] irei compoendo mais livros, sempre mais livros, na conquista vã de uma quimera de ouro...
Gritando sem cessar a minha desgraça amaldiçoando a existência, irei gozando do que nela houver de bom – como a outra gente afinal. E escrevi tudo isto...
Literatura, meus amigos, Literatura... (SÁ-CARNEIRO, M., s/d [a]: 245)

Ao escrever que “estas palavras por acaso são sinceras”, Sá-Carneiro mostra ter plena consciência de dois factos: por um lado, de que o fenómeno de produção estético-literária, em geral, participa de um compromisso que o liga indelevelmente a um processo particular de

representação, e, mediatamente, de mentira e fingimento; por outro, de que as palavras que presidem, pontualmente, àquelas suas reflexões são *sinceras* “só por acaso”, o que poderá querer dizer que o resto dessa novela (assim como, por arrastamento, todos os seus textos literários narrativos) não o é, contribuindo-se deste modo para desautorizar a ideia de que a todos os textos literários de Sá-Carneiro (em prosa e em poesia) se encontra subjacente uma recorrente e irrefutável assimilação entre o real empírico e mundo estético-literário. Para além disto, não nos esqueçamos de que (di-lo a Pessoa, em carta com data de 14 de maio de 1913) a beleza, em arte, precisa de ser não só trabalhada, mas igualmente pensada:

Como se a intelectualidade se não pudesse conter na arte! Meios-artistas aqueles que manufacturam, é certo, beleza mas são incapazes de a pensar – de a descer. Não é o pensamento que deve servir a arte – a arte é que deve servir o pensamento, fazendo-o vibrar; resplandecer – ser luz, além de espírito. Mesmo, na sua expressão máxima, a Arte é Pensamento (SÁ-CARNEIRO, M., 1992a:130).

6. Como quer que seja, o privilégio que temos vindo a conferir à subjetividade, em textos de Sá-Carneiro, não pode deixar de interagir, sobretudo ao nível dos procedimentos técnico-literários, com uma constante representação do mundo interior¹⁸: através da manifestação poética – “Volteiam dentro de mim, / Em rodopio, em novelos, / Milagres, uivos, castelos, / Forcas de luz, pesadelos, / Altas torres de marfim”, “Tantas, tantas maravilhas / Que se não podem sonhar!...” (*Rodopio*; SÁ-CARNEIRO, M., s/d [b]: 75 e 78, respetivamente) –, ou do texto narrativo, em passagens valorizadas com frequência em função da sua conformidade

18 N^oA *Confissão de Lúcio*, essa preocupação ajusta-se de certo modo a uma conceção de “dispersão do sujeito” (CASTELLO BRANCO, L. 1994) e à dimensão alteromínica. E se isso se verifica, é sobretudo porque esse texto se pode ler como uma “resposta narrativa ao desejo de encontrar o outro” (MARTINS, F. C., 1997: 220-221), tanto pela “alienação psíquica e física de personagens (de Marta para Ricardo e de Ricardo para Lúcio)” (SEIXO, M. A., 1987: 44), como pela dinâmica de “transferência” de Lúcio para Ricardo (GIUSTI, C., 1990-1991: 58), como ainda pelo jogo entre “desdobramento” e “identificação” entre Lúcio, Marta e Ricardo, “*alter ego*” de Lúcio (LOPES, Ó., 1987: 530; MARTINS, F. C., 1997: 226-227; QUADROS, 1989: 152-153). Esse desdobramento entra, aliás, em concordância com o fantástico (SOBREIRA, L., 1996: 78; QUADROS, A., 1989: 151), pelo que, deste modo, somos conduzidos ao problema da inverosimilhança desta novela, onde tudo se poderá passar “como quem sonha”, onde, enfim, “Tudo se liberta [...] do peso do mundo!” (MONTAIVOR, L., /d: 16).

à representação de estados psicológicos conturbados – como, por exemplo, em *Mistério* (de 1913)¹⁹, *A estranha morte do Prof. Antena* (de 1913-1914)²⁰, *n'A Grande Sombra* (de 1914)²¹, ou *n'A Confissão de Lúcio*²².

É, pois, tendo em consideração esta omnipresença do mundo interior nos textos de Mário de Sá-Carneiro que podemos sublinhar que, pela dinâmica até agora perfilhada, existe em Sá-Carneiro uma incidência pujante de um sujeito que *se representa* com repleção em formulações discursivas diversas. Essas formulações ligam-se variavelmente à análise psicológica, à autocharacterização, passando pelas tonalidades egotistas rastreadas nas sugestivas manifestações pronominais do *eu* do escritor, ou do sujeito estético-ficcional, como o que aparece, por exemplo, em 1915, nas *Sete Canções de Declínio* – quando o sujeito poético a si se refere como o “Eu – a estátua “que nunca tombará?...” (*id.*: 128), ou como aquele que quer ser “Eu plenamente”, “O grande doido” (*id.*: 120), uma loucura que só pecou pelo muito que o “Eu” desejou.

Como quer que seja, das facetas estético-literárias que caracterizam a produção de Mário de Sá-Carneiro não pode ser indifferente uma linha de desenvolvimento suscitada pelos últimos poemas escritos todos eles em Paris, quase todos em 1916 – linha essa que aponta para um sujeito poético desencantado, derrotista, para um sujeito que deseja o esquecimento, que pretende estar só, no seu quarto, em *Caranguejola*:

[...]

Desistamos. A nenhuma parte a minha Ânsia me levará.

Pra que hei-de então andar aos tombos, numa inútil correria?

Tenham dó de mim. Co'â breca! levern-me prá enfermaria! (*id.*: 157-158);

-
- 19 Recorde-se a tristeza, o sofrimento interior, o desejo de suicídio por parte do Artista, pela incompreensão dos outros em relação a si, e pela ausência de uma companheira (SÁ-CARNEIRO, M., 1993: 122, 123, 133).
- 20 Tenha-se em conta aquela passagem em que o narrador analisa os seus estados de alma, quando passeia com o Prof. Antena, antes de, inexplicavelmente, este cair morto (SÁ-CARNEIRO, M., 1993: 219).
- 21 Referimo-nos ao sentimento de vazio, à tristeza, aos receios, ao tédio e à desolação de que o mundo interior do narrador não se liberta (SÁ-CARNEIRO, M., 1993: 56 e 87).
- 22 Neste texto, sublinhe-se as angústias, as obsessões, as dúvidas, as “dores morais da [...] [sua] alma” de Lúcio Vaz, sempre que pensa na relação amorosa que mantém com Marta, esposa do seu amigo, Ricardo de Loureiro (SÁ-CARNEIRO, M., s/d [c]: 106, 108, 115, 117, 132, 135).

um sujeito – “Rei-lua posticho”, “papa-açorda”, “lacaoio invertido e pressuroso”, “balfo arrotando Império astral”, “mago sem condão”, “Esfinge Gordá” – que “passou na vida incógnito”, como afirma no soneto *Aqueioitro*, adotando um diapasão crítico cujas reverberações acabam por refletir um profundo e amargo desencanto. Afinal, corresponde este sujeito poético ao mesmo que, em 1913 e em 1914, em *Escavação* e em 16, *se* indagara, tentando encontrar os contornos que dotassem com a consistência possível o perfil que, enquanto sujeito estético-literário, procurava. Trata-se, assim, do mesmo sujeito que, no poema *Fim*, mostra o seu desprezo por si, e como que anuncia a sua própria morte, enquadrada pelo gesto bizarro e funambulesco, através do qual expõe os seus últimos desejos e carnavaliza a sua própria morte.

Quando eu morrer batam em latas,
Rompan aos saltos e aos pinotes,
Façam estalar no ar chicotes,
Chamem palhaços e acrobatas!

Que o meu caixão vá sobre um burro
Ajazado à andaluz...
A um morto nada se recusa,
E eu quero por força ir de burro! (SÁ-CARNEIRO, M., s/d [b]: 168)

7. Podemos, então, concluir, afirmando que Mário de Sá-Carneiro é um escritor onde a preocupação com o mundo interior é, de facto, constante; um escritor em cuja obra se lê múltiplas vezes a representação de um sujeito onde se rasteia a presença de um *eu* fundamentalmente desencantado com o mundo e com os outros (visão essa à qual deve sempre preexistir uma atitude objetiva e séria – congruente, aliás, com a inteligência e a integridade que suporta a leitura, crítica, do fenómeno *literário*); um *eu* que, tal como aquele Mário de Sá-Carneiro que se suicidou no Hotel Nice, com estricnina, procurou uma forma de totalidade estética, procurou, no *locus* literário, o “Ideal”, a “Beleza” – totalidades essas que, porém, como (o sujeito poético) escreve no poema *Além-Tédio* (de 1913), nunca conseguiu atingir: ele, que imaginara “escalar os céus” e que “se fora Deus”, mas que regressara à Dor.

No entanto, sem ter chegado a sabê-lo (mas tendo-o intuído), Mário de Sá-Carneiro acabou, afinal, por atingir uma forma de totalidade (a

lembrar a lição de Borges [1999: 186-187]); essa totalidade, como escreveria em 1924 Fernando Pessoa, tem um nome: imortalidade:

Morre jovem o que os Deuses amam, é um preceito da sabedoria antiga. E por certo a imaginação, que figura novos mundos, e a arte, que em obras os finge, são os sinais notáveis desse amor divino. Não concedem os Deuses esses dons para que sejamos felizes, senão para que sejamos seus pares. Quem ama, ama só a igual, porque o faz igual com amá-lo. Como porém o homem não pode ser igual dos Deuses, pois o Destino os separou, não corre homem nem se alieira deus pelo amor divino: estagna só deus fingido, doente da sua ficção.

Não morrem jovens todos a que os Deuses amam, senão entendendo-se por morte o acabamento do que constitui a vida (PESSOA, F., 1986b: 1276-1277).

BIBLIOGRAFIA FINAL

BIBLIOGRAFIA ATIVA

- sÁ-CARNEIRO, Mário de (1992a). *Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro – Cartas a Fernando Pessoa I*. 2ª ed. Lisboa: Edições Ática.
- sÁ-CARNEIRO, Mário de (1992b). *Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro – Cartas a Fernando Pessoa II*. 2ª ed. Lisboa: Edições Ática.
- sÁ-CARNEIRO, Mário de (1993). *Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro – Céu em Fogo*. 4ª ed. Lisboa: Edições Ática.
- sÁ-CARNEIRO, Mário de (1996). *Obra Poética*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- sÁ-CARNEIRO, Mário de (2015). *Em Quin e Alma – Correspondência com Fernando Pessoa*. Edição de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-China.
- sÁ-CARNEIRO, Mário de (s/d [a]). *Princípio e Outros Contos*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- sÁ-CARNEIRO, Mário de (s/d [b]). *Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro – Poesias*. Lisboa: Edições Ática.
- sÁ-CARNEIRO, Mário de (s/d [c]). *Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro – A Confissão de Lúcio*. 7ª ed. Lisboa: Edições Ática.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

- BARROS, José Américo de Miranda (1994). *A confissão de Lúcio*: encenação de um suicídio. In Lélia Parreira Duarte [Coord.], *Anais da semana de estudos Mário de Sá-Carneiro [80 anos de Dispersão e de A confissão de Lúcio]* (125-132). Belo Horizonte: Centro de Estudos Portugueses da FALE/UFMG.
- BERARDINELLI, Cleonice (1985). *Estudos de literatura portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BERNARDES, José Augusto Cardoso (1990). Mário de Sá-Carneiro: Aqueloutro. *Colóquio/Letras*. 117/118, setembro-dezembro, pp. 163-168.
- BORGES, Jorge Luis (1999) – *Obras Completas – 1975-1988*. V.IV. Lisboa, Circulo de Leitores.
- BOUÇAS, Edmundo (1997). Manobras do truque decadentista em Sá-Carneiro. *Convergência Lusitana*. 14, pp. 219-227.
- BURKE, Seán (1993). *The Death and Return of the Author. Criticism and Subjectivity in Barthes, Foucault and Derrida*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- CARPINTEIRO, Maria da Graça (1960). *A novela poética de Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- CASTELLO Branco, Lúcia (1994). Mário de Sá-Carneiro e a dispersão do sujeito. In Lélia Parreira Duarte [Coord.], *Anais da semana de estudos Mário de Sá-Carneiro [80 anos de Dispersão e de A confissão de Lúcio]* (111-117). Belo Horizonte, Centro de Estudos Portugueses da FALE/UFMG.
- CHÉDIN, Jean-Louis (1997). *La condition subjective. Le sujet entre crise et renouveau*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.
- CLEMENT, Catherine (1978). Le moi et la “déconstruction” du sujet. *Encyclopaedia Universalis* (172-175). VII.
- D’ALMEIDA, Carlos (1989). *A experiência futurista e a geração de “Orpheu”*. Lisboa: ICAIR.
- DI NAPOLI, Francesca et alii (1997). A construção do sujeito moderno. *Psico*. V.28, N.1: 163-169.
- DURAND, Régis (1985). De l’aphanisis: notes sur la question du sujet dans le texte contemporain. In Jean Bessière [Org.], *Passage du temps, ordre de la transition* (83-95). Paris: PUR.
- EDWARDS, Michael (1990). Not I. *Comparative Criticism*. 12, pp. 25-38.
- EYSEN, Adriano (2017). Em ouro e alma: diálogos entre Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. *Pessoa Plural*. 11 (Spring), pp. 418-421.
- FERRY, Luc (1991). Modernidade e Sujeito. In Manuel Maria Carrilho [Dir.], *Dicionário do Pensamento Contemporâneo (235-241)*. Lisboa: Circulo de Leitores.
- FOUCAULT, Michel (1992). *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard.

- FRANÇA, José-Augusto (1986). *Amadeo & Almada*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- GALHOZ, Maria Aliete (1963). *Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Presença.
- GALHOZ, Maria Aliete (1993). Prefácio. Mário de Sá-Carneiro, *Obras completas de Mário de Sá-Carneiro – Céu em Fogo* (7-31). 4ª ed. Lisboa: Edições Ática.
- GIUSTI, César (1990-1991). Confissões sobre uma confissão. *Estudos Portugueses*, pp. 57-63.
- GORI, Barbara (2018). Alírica de Mário de Sá-Carneiro e a pintura de vanguarda. In Dionísio Vila Maior; Annabela Rita, 100 *Futurismo* (321-337). Lisboa: Edições Esgotadas.
- GORI, Barbara (2019). *Mário de Sá-Carneiro e l'impossibilità di rinunciare*. *Studio sulla prosa*. Milano: Mimesis.
- HABERMAS, Jürgen (1993). *El discurso filosófico de la modernidad*. Madrid: Taurus.
- JAMESON, Fredric (1988). *The Ideologies of Theory: Essays 1971-1986*. VI. Routledge/London: University of Minnesota.
- KARL, Frederick R. (1988). *Modern and Modernism. The Sovereignty of the Artist 1885-1925*. New York: Atheneum.
- KRISTEVA, Julia (1977). *Polylogue*. Paris: Seuil.
- KRYNSKI, Wladimir (1995). "Subiectum comparationis": As incidências do sujeito no discurso. In Marc Angenot; Jean Bessière; Douwe Fokkema; Eva Kushner [Dits.], *Teoria literária. Problemas e perspectivas* (287-304). Lisboa: Pub. Dom Quixote.
- LACAN, Jacques (1970). *Écrits I*. Paris: Édition du Seuil.
- LAVAUD, Claudie (1994). La modernité devant la critique philosophique contemporaine. *Modernités*. 5. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux. pp. 175-184.
- LOPES, Óscar (1987). *Entre Fialho e Nemésio II*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MACHADO, Lino (1990). O fantástico em "A Confissão de Lúcio". *Colóquio/Letras*. 117/118, setembro-dezembro, pp. 61-66.
- MARQUES, Ricardo (2016). Algumas notas para a leitura de "Mannucure", de Mário de Sá-Carneiro. *Anuário de Literatura*. V.21 (2), pp. 30-41.
- MARTINS, Fernando Cabral (1990). Os olhos futuristas. In *Mário de Sá-Carneiro 1890-1916* (47-51). Lisboa: Biblioteca Nacional.
- MARTINS, Fernando Cabral (1990a). Pessanha e S.-C.: intersecções. *Colóquio/Letras*. 117/118, setembro-dezembro, pp. 193-199.
- MARTINS, Fernando Cabral (1997). *O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Editorial Estampa.
- MCFARLANE, James (1991). The Mind of Modernism. In Malcolm Bradbury; James McFarlane [Eds.], *Modernism 1890-1930* (71-93). Harmondsworth: Penguin Books.

- MONTALIVOR, Luís de (s/d). Nota Editorial. Mário de Sá-Carneiro, *Obras completas de Mário de Sá-Carneiro – A Confissão de Lúcio* (11-16). 7ª ed. Lisboa: Edições Ática.
- MORÃO, Paula (1990). Algumas marcas simbolistas na poesia de Sá-Carneiro. In *Mário de Sá-Carneiro 1890-1916 (23-29)*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- MORIN, Edgar (1995). La noción de sujeto. In Schnitman, Dora Fried [org.], *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad*. Buenos Aires/Barcelona/México: Paidós: 67-85.
- MOURÃO, Luís (1984). Mário de Sá-Carneiro ou o epílogo do Romantismo. *Cadernos de Literatura*, 18, outubro, pp. 31-44.
- PEREIRA, José Carlos Seabra (1990). Rei-Lua, destino dúbio. *Colóquio/Letras*, 117/118, setembro-dezembro, pp. 169-192.
- PESSOA, Fernando (1986a). *Obras de Fernando Pessoa*. V.I. Porto: Lello & Irmão Editores.
- PESSOA, Fernando (1986b). *Obras de Fernando Pessoa*. V.II. Porto: Lello & Irmão Editores.
- PESSOA, Fernando (1986c). *Obras de Fernando Pessoa*. V.III. Porto: Lello & Irmão Editores.
- PIZARRO, Jeronimo (2018). Sá-Carneiro, Paulismo e Caetismo. In Giorgio De Marchis [Org.], *Quando eu morrer batam em latas. Mário de Sá-Carneiro, cem anos depois* (169-180). Lisboa: Arranha-Céus.
- POLL, Diego (2018). Línguas e linguagens para o século XX: em direção do absoluto, contra a estática do universalismo e o regresso dos particularismos. In Dionísio Vila Maior; Annabela Ritta, *100 Futurismo* (543-557). Lisboa: Edições Esgotadas.
- QUADROS, António (1989). *O primeiro Modernismo português – Vanguarda e tradição*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- REIS, Edgar Pereira dos (1994). *A confissão de Lúcio: o narrador no espelho*. In Lélia Parreira Duarte [Coord.], *Anais da semana de estudos Mário de Sá-Carneiro [80 anos de Dispersão e de A confissão de Lúcio]* (119-123). Belo Horizonte: Centro de Estudos Portugueses da FALF/UFMG.
- ROCHA, Clara (1990). Mário de Sá-Carneiro: o outro lado do fogo. *Colóquio/Letras*, 117/118, setembro-dezembro, pp. 156-162.
- RODRIGUES, Urbano Tavares (1992). Introdução. Mário de Sá-Carneiro, *Obras completas de Mário de Sá-Carneiro – Cartas a Fernando Pessoa I* (9-21). 2ª ed. Lisboa: Edições Ática.
- SANTOS, Gilda da Conceição (1994). Pessanha, Sá-Carneiro e Sena em pincladas goyescas. In Lélia Parreira Duarte [Coord.], *Anais da semana de estudos Mário*

- de Sá-Carneiro* [80 anos de Dispersão e de A confissão de Lúcio] (71-81). Belo Horizonte: Centro de Estudos Portugueses da FALF/UFMG.
- SAPÉGA, Ellen (1990). Em busca da velada subtil: experiência, marginalização e ruptura nas novelas de 'Céu em Fogo'. *Colóquio/Letras*. 117/118, setembro-dezembro, pp. 74-79.
- SARAIVA, Arnaldo (2015). *Os Órfãos do Orpheu*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- SEIXO, Maria Alzira (1987). *Para um estudo da expressão do tempo no romance português contemporâneo*, 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SELDEN, Raman (1990). From persona to the split subject. *Comparative Criticism*, 12, pp. 57-70.
- SENA, Jorge de (1990). Almada negreiros poeta. In José de Almada Negreiros, *Obras Completas – Poesia* (9-33), 2ª ed. V.1, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SIMÕES, João Gaspar (s/d). Introdução. Mário de Sá-Carneiro, *Obras completas de Mário de Sá-Carneiro – Poesias* (11-48). Lisboa: Edições Ática.
- SOBREIRA, Luis (1996). “Jogo da Cabra Cega” e “A Confissão de Lúcio”. *Colóquio/Letras*, 140/141, abril-setembro, pp. 71-81.
- SURETTE, Leon (1993). *The Birth of Modernism. Ezra Pound, T. S. Eliot, W. B. Yeats and the occult*. Montreal & Kingston/London/Buffalo: McGill-Queen's University Press.
- VASCONCELOS, Ricardo (2014). The Cubist Experimentation of Mário de Sá-Carneiro. *Pessoa Plural* 6 (Fall), pp. 104-124.
- VILA MAIOR, D. (2003). *O Sujeito Modernista – Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e António Ferro: Crise e Superação do Sujeito*. Lisboa: Universidade Aberta.
- VILA MAIOR, Dionísio; RITA, Annabela (2018). *100 Futurismo*. Lisboa: Edições Esgotadas.

- 1 *A Representação do Espaço em Saramago – Da negatividade à utopia*
Horácio Ruivo | 2017
- 2 *Literatura & Sociedade na pluralidade lusófona*
Organização: Annabela Rita, Dirlenvalder Loyolla,
Fabio Mario da Silva e Cátia Canêdo | 2018
- 3 *No Fundo dos Espelhos – A Visita*
Annabela Rita | 2018
- 4 *Antero de Quental: um patriotismo prospectivo no porvir de Portugal*
Brasilino Godinho | 2018
- 5 *Perfis & Molduras no cânone literário*
Annabela Rita | 2019
- 6 *A Minha Outra Pátria é a Latina*
Fernando Cristóvão | 2019
- 7 *Sfumato. Figurações in hoc signo – Na senda da identidade nacional*
Annabela Rita | 2019
- 8 *Estudos Luso-Italianos – Literatura e Cultura*
Luísa Antunes Paolinelli | 2020

Qual o objetivo primordial deste livro, que, na editora Edições Esgotadas, inaugura a Subcoleção "Figurações Literárias"? Ajudar os leitores a irem ao encontro das oportunidades que a Literatura lhes oferece. São essas oportunidades que, quando propiciadas pela leitura do texto literário (suportando-se esta em firme terreno metaliterário), ajudam a perceber a *figuração*, a *prefiguração*, a *(re)configuração* do leitor num contínuo acrescentamento de sentidos. Procuraram-no diversamente os professores e investigadores que colaboraram neste livro, percorrendo criticamente GRACILIANO RAMOS, MACHADO DE ASSIS, CAMILO CASTELO BRANCO, ZÉLIA GATTAI, a GERAÇÃO DE ORPHEU, HERBERTO HELDER, MADALENA DE CASTRO CAMPOS, CLÁUDIA LUCAS CHÊU, JULLÁN FUKS, NATÁLIA CORREIA, MIGUEL TORGA, EÇA DE QUEIRÓS e MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO. Que os presentes contributos e colaborações motivem linhas de trabalho e de leitura, mas, sobretudo, que conduzam os leitores aos polifónicos momentos de abertura com que a Literatura a todos nos desafia, de acordo com o preceito de Jorge Luis Borges, quando repetidamente defendia que somos ricos "mais em perplexidades do que em certezas" e que a Literatura nos deve ajudar a fornecer "algumas certezas".

Dionísio Vila Maior (Org.)

